

O rádio comunitário em São Paulo: Um breve olhar sobre o cenário atual

Eduardo Vicente¹

Resumo: Este texto se propõe a oferecer um breve olhar sobre o cenário atual das rádios comunitárias autorizadas da cidade de São Paulo. Até janeiro de 2012, informações do Ministério das Comunicações apontavam para a existência de 34 emissoras de São Paulo nesta situação. Como forma de contextualizar a atuação destas rádios, ofereceremos inicialmente uma visão atualizada do cenário da radiodifusão em FM na cidade de São Paulo. A seguir, apresentaremos uma breve descrição de algumas das emissoras comunitárias já autorizadas e desenvolveremos uma reflexão acerca dos desvios, impasses, contradições e potencialidades evidenciados neste cenário.

Palavras-Chave: Radiodifusão; Rádios Comunitárias; Rádio em São Paulo

Abstract: This text aims at offering a quick glance on the present scenario of the so-called community broadcasting radio stations, duly authorized in the city of São Paulo. Up until January 2012 the Ministry of Communications recognized the existence of 34 radio stations of this kind in São Paulo. In order to contextualize the operation of these stations we will start by offering a present view of the FM broadcasting in the city. Following that we will present a brief description of some of the community stations already licensed and will develop a reflection on evident deviations, impasses, contradictions and potentialities in this scenario.

Keywords: Radio Broadcasting; Community Radio; São Paulo Radio

Resúmen: Este texto se propone a ofrecer una breve mirada sobre el presente escenario de las radios comunitarias licenciadas en la ciudad de São Paulo. Hasta enero del 2012 el Ministerio de las Comunicaciones reconocía la existencia de 34 emisoras de este tipo en la ciudad. Para contextualizar la actuación de estas radios empezaremos con una visión actualizada de las transmisiones por FM en São Paulo. En seguida, presentaremos una breve descripción de algunas de emisoras comunitarias ya licenciadas y desarrollaremos una reflexión sobre los desvíos, impases, contradicciones y potencialidades percibidos en este escenario.

Palabras clave: Radiodifusión; Rádios Comunitárias; Rádio em São Paulo

Introdução

O objetivo desta comunicação é fornecer uma visão atualizada do processo de implantação de rádios comunitárias na cidade de São Paulo. Como se sabe, no Brasil o termo “radiodifusão comunitária” (radcom) refere-se a uma modalidade de emissora criada pela Lei 9.612 de 19/2/1998². Embora essa lei seja uma inegável conquista no sentido de possibilitar uma maior democratização do meio radiofônico, consequência do “movimento pelas rádios livres” dos anos 80 e vinculada ao processo de redemocratização do país (NUNES FERREIRA, 2006, p. 99), é forçoso reconhecer que a legislação impõe muitas limitações para a operação das emissoras comunitárias e grandes dificuldades para a obtenção da autorização de funcionamento.

Segundo a legislação, são competentes para executar a radcom fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, desde que legalmente instituídas e devidamente registradas, sediadas na área da comunidade para a qual pretendem prestar serviço e cujos dirigentes sejam brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos. A autorização será válida por três anos, sendo permitida a renovação por igual período. A potência autorizada para emissoras comunitárias é extremamente reduzida: igual ou inferior a 25 watts. O limite para a área de cobertura é de apenas 1,0 Km de raio e a distância mínima entre estações de radcom é estabelecida pela legislação em 4,0 km. Ainda segundo a Lei 9.612, a rádio comunitária deve divulgar a cultura, o convívio social e eventos locais, noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública, além de promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população. Ela não pode veicular publicidade³ ou ter vínculos com partidos políticos ou instituições religiosas. As FM comunitárias de uma cidade devem, ainda, operar todas na mesma frequência que, no caso de São Paulo, é a de 87,5 MHz.

Também deve ser destacada, entre as dificuldades encontradas pelas emissoras comunitárias, a questão da morosidade do processo de autorização, tanto que apenas em 2008, ou seja, dez anos depois da aprovação da lei, foi obtida a primeira autorização de funcionamento por uma emissora da cidade de São Paulo. A partir daí, no entanto, o número de autorizações parece ter crescido significativamente. Dados de 23 de janeiro de 2012, do Ministério das Comunicações, apontam para a existência de 575 rádios comunitárias já autorizadas ou em processo de autorização no Estado de São Paulo, estando 34 delas na capital⁴.

Muitos autores tem se dedicado ao tema da legislação e das lutas sociais em torno da radiodifusão livre e comunitária no país. São aqui destacados, entre eles, os trabalhos de Machado (1986), Amayo (1992), Nunes Ferreira (2006) e Silva (2010), que foram utilizados no presente texto. Não se pretende retomar aqui este debate, mas oferecer um quadro da forma pela qual, a partir da legislação vigente, uma nova cena de rádios comunitárias autorizadas está se consolidando em São Paulo. Sobre a opção de apresentar exclusivamente emissoras autorizadas, é evidente o fato de que, metodologicamente, a escolha oferece um terreno seguro

para a pesquisa, já que os dados e estatísticas sobre as emissoras consideradas ilegais seriam, naturalmente, incompletos e imprecisos. Mas é preciso ressaltar que o recorte estabelecido é, na verdade, o objetivo básico do texto, ou seja, entender quais têm sido os resultados práticos da legislação vigente. Não se trata, portanto, de ignorar a existência de centenas (ou, mais provavelmente, milhares) de emissoras que operam na cidade fora do marco legal estabelecido, mas de concentrar-se nas que preferiram ajustar-se a esse marco ou, em diversos casos, que foram criadas a partir dele.

O presente texto irá circunscrever sua análise a 12 das 34 emissoras autorizadas. A escolha destas emissoras, em detrimento das demais, deveu-se a três razões básicas: a representatividade das emissoras escolhidas, tanto em termos dos projetos políticos e sociais que representam quanto das tendências que expressam dentro do universo de emissoras autorizadas na cidade de São Paulo; o fato de veicularem sua programação também através da internet – o que sugere uma maior consistência e abrangência de seus projetos, além de ter facilitado o levantamento de seu histórico e a análise de sua programação⁵; e o fato de estarem distribuídas pela cidade de forma razoavelmente ampla, representando todas as suas principais regiões.

Ainda assim, é sempre preciso ressaltar o caráter pessoal e subjetivo das escolhas aqui realizadas. De qualquer modo, entendo que a amostragem expressa, como esse texto tentará demonstrar, muitas das virtudes, impasses e contradições do modelo de implantação de radiodifusão comunitária no país. E, talvez mais importante do que isso, aponta para o fato de que provavelmente já temos dados e emissoras implantadas em número suficiente para permitir uma discussão mais profunda sobre o cenário que está se estabelecendo.

O cenário radiofônico paulistano

Mas gostaria de oferecer, inicialmente, uma breve descrição do quadro atual das emissoras de FM da cidade de São Paulo. O Brasil, como se sabe, adotou um modelo comercial de radiodifusão onde as frequências pertencem ao Estado e são entregues na forma de concessões a grupos privados. Assim, o país acabou se distanciando dos modelos público e estatal, utilizados pelo Japão e por diversos

países da Europa. Dentro do modelo adotado, as emissoras do país são tradicionalmente classificadas como comerciais, religiosas, educativas, públicas, ilegais (ou piratas) e comunitárias.

Considerando-se que a cidade de São Paulo possui uma população de aproximadamente 11 milhões de habitantes – que se eleva a 19 milhões se considerarmos sua região metropolitana (a “Grande São Paulo”) formada por 39 municípios –, é bastante problemático precisar quantas emissoras são ouvidas em toda a cidade. Os dados dos grupos de pesquisa tendem a apontar para um grupo de 36 emissoras de FM mais ouvidas⁶. A maior parte delas tem uma programação predominantemente musical. A segmentação tradicionalmente adotada pelas emissoras musicais do país as divide em três categorias: adulto-qualificado, jovem e popular. A denominação “adulto-qualificado” refere-se a emissoras que se dirigem às classes A e B e veiculam, principalmente, MPB, *classic rock*, pop internacional⁷, jazz, música clássica e instrumental. As emissoras educativas da cidade, Rádio USP e Cultura FM⁸, vinculam-se a essa categoria, bem como algumas de suas rádios comerciais: pelo menos duas delas, Nova Brasil FM e Kiss FM, especializaram-se em gêneros musicais específicos da categoria veiculando, respectivamente, MPB e *classic rock*. Na categoria “jovem” as emissoras são tradicionalmente vinculadas a gêneros musicais como a música pop internacional e a música eletrônica, bem como a artistas nacionais que, de alguma maneira, dialogam com esse público e esses gêneros musicais. São Paulo conta com pelo menos seis emissoras que podem ser incluídas nessa categoria, destacando-se entre elas a Band FM e a Mix.

Mas as emissoras mais ouvidas da cidade são, sem dúvida, as da categoria “popular”. Algumas delas tocam exclusivamente música sertaneja, que é sem dúvida o gênero musical mais consumido atualmente no país. Mas a maioria toca também música romântica brasileira e internacional, hits da música pop internacional e hits de outros gêneros musicais massivos brasileiros como a axé music, o tecnobrega e o forró. A rádio mais ouvida da cidade, a Tupi FM⁹, é uma rádio popular totalmente dedicada à música sertaneja.

A cidade conta também com algumas rádios religiosas. Nossa Rádio, Aleluia, Vida FM e Deus é Amor, por exemplo, apresentam uma programação composta por *gospel music* – predominantemente brasileira – e mensagens religiosas, estando a

maioria delas ligada a igrejas pentecostais. Curiosamente, não há nenhuma emissora de FM católica em São Paulo. Por outro lado, há uma emissora esotérica, a Mundial FM.

Na área de jornalismo, a cidade conta com duas emissoras no formato All News tradicional (CBN e Band News) e uma terceira no formato All News & Sports (Estadão ESPN). Há ainda uma emissora dedicada exclusivamente a informações sobre o trânsito (SulAmérica Trânsito).

Algumas questões mais gerais sobre as emissoras de FM de São Paulo são significativas para o presente texto. A primeira é a da divulgação musical. Embora não existam dados ou pesquisas sobre o tema, é evidente a concentração dessa divulgação em uns poucos artistas e gêneros musicais de grande repercussão, ligados a grandes gravadoras (especialmente *majors* internacionais) que estabelecem contratos de divulgação com as emissoras para a promoção de seus artistas. A esse respeito, um fato significativo é o de que, segundo dados da Crowley/Music Media, publicados mensalmente pela revista *Billboard Brasil*, nenhum artista brasileiro figurava entre os dez mais tocados nas rádios da cidade de São Paulo no período de 19 de fevereiro a 18 de março de 2012. E todos eles eram artistas vinculados às quatro maiores gravadoras do mundo: Sony, EMI, Universal e Warner¹⁰. O aparente controle dessas empresas sobre a programação das rádios parece evidenciar uma certa falta de autonomia das emissoras¹¹.

A significativa presença de emissoras customizadas na cidade também parece apontar para esta questão. Até recentemente, eram quatro as emissoras de São Paulo que podiam ser enquadradas nessa categoria: Mit FM (patrocinada pela fabricante de veículos Mitsubishi); Oi FM (patrocinada pela empresa de telefonia de mesmo nome); Fast FM (patrocinada pela Nestlé) e a já citada SulAmérica Trânsito (patrocinada pela seguradora de mesmo nome).

No entanto, dois desses projetos (Mit FM e Oi FM) acabaram encerrados em 2012¹², demonstrando que o rádio ainda é um setor bastante arriscado para o estabelecimento de novos modelos de negócios. Além de sua baixa participação nos investimentos em publicidade realizados no país¹³, o veículo também é impactado pelas discussões acerca da adoção de um modelo de digitalização que já se arrasta há pelo menos dez anos.

Desse modo, e considerando-se os interesses econômicos das empresas e as limitações do mercado radiofônico, o conjunto de emissoras de FM da cidade de São Paulo parece reunir poucas condições para expressar a real diversidade cultural da metrópole, bem como seu complexo contexto social. Uma vez que as emissoras educativas da cidade acabam por também se concentrar na difusão musical associada ao jornalismo, torna-se evidente o enorme espaço de atuação que se apresenta para as emissoras comunitárias, bem como o amplo leque de demandas que lhes caberia atender.

As rádios comunitárias em São Paulo¹⁴

A primeira autorização de funcionamento para uma rádio comunitária de São Paulo, como já foi apontado aqui, ocorreu em 2008. Será apresentada, a seguir, uma breve descrição de algumas das 34 emissoras que tiveram seu funcionamento autorizado (seja de forma definitiva ou provisória) até janeiro de 2012¹⁵. A intenção desta apresentação, como já foi mencionado aqui, é ilustrar tanto a diversidade de propostas de atuação quanto algumas das tendências predominantes no cenário. Com esse objetivo, dentre as 34 emissoras autorizadas, foram escolhidas para essa análise as 12 apresentadas a seguir.

Apesar de a legislação claramente proibir essa ligação, diversas das rádios comunitárias da cidade parecem estar vinculadas a algum grupo religioso (católico ou protestante). Entre elas podemos destacar:

Ágape FM (<http://radioagapefm.org.br/>): inaugurada em junho de 2011 e pertencente à Associação Cultura Comunitária do Imirim (Zona Norte de São Paulo), funciona no anexo de uma igreja católica e foi idealizada por um padre e pela equipe da “pastoral da comunicação” da sua igreja¹⁶. A audição da programação revela que a rádio veicula música católica, mensagens de padres e também oferece uma programação musical variada. Além disso, apresenta um programa informativo voltado para o público feminino (Espaço Mulher), um programa sobre língua portuguesa (Nó na Língua) e programa especial sobre a memória do bairro, entre outros.

Radio AME (<http://www.associacao-ame.com.br/>): Mantida pela Associação Mensagem de Esperança, ligada ao pastor Jabes Alencar e à Assembleia de Deus do Bom Retiro (centro de São Paulo), a emissora mantém uma programação composta por músicas e mensagens religiosas.

Ternura FM (<http://www.radioternurafm.com.br/>): Ligada à Associação Cultural Comunitária Ternura de Perus, a emissora tem uma programação composta basicamente por mensagens de pastores. Em horários alternativos apresenta uma programação musical secular (especialmente música internacional), além de um noticiário às 9h.

SoulVida FM (<http://www.radiosoulvida.com/>): Ligada à Associação Cultural Comunitária Princesa Isabel. A programação é composta pelos programas diários de três pastores e por uma programação musical que inclui música gospel e secular (nacional e internacional).

Rádio Cantareira FM (<http://www.radiocantareira.org/>): Regularizada em 2010, a emissora existe desde 1995 e pertence à Associação Cantareira, uma ONG criada naquele mesmo ano na Zona Norte de São Paulo. Em seu site ela afirma ter “como prioridade o olhar e as ações dos movimentos sociais, entidades e comunidades da região”. A associação parece ter vínculos com setores progressistas da Igreja Católica e mantém projetos ligados a temas como meio ambiente, direitos humanos e alfabetização de jovens e adultos, entre outros (<http://www.cantareira.org/>). A programação da emissora é predominantemente musical, mas ela transmite também um noticiário local, focando questões da comunidade, além de apresentar dicas culturais e informativos de interesse geral ao longo de sua programação.

Há também rádios vinculadas a associações de diferentes finalidades, como:

Estúdio 100 FM (<http://www.studio100.com.br/>): Operando em Pirituba, Zona Oeste da cidade, a emissora foi regularizada em 2011, mas criada em 1996 por “um grupo de jovens amigos de Pirituba que organizava festas em colégios da região, resolveu

que precisava expandir suas atividades e promover uma integração e uma participação maior da comunidade”. A emissora tem como objetivo “a promoção de ações sociais, de entretenimento e integração de jovens da comunidade de Pirituba”¹⁷. A programação é quase que exclusivamente musical, com grande predominância da música eletrônica internacional. Mas ela tem também programas dedicados à música nacional.

Rádio StarSul (<http://www.starsulfm.com.br/home.htm>): A emissora surgiu em 1996 e, segundo informações obtidas em seu site, está vinculada a uma associação que realiza projetos assistenciais como “campanhas do agasalho, shows beneficentes, entrega de cestas básicas, brinquedos, doces e entretenimento as pessoas carentes” da região de Perus, Zona Oeste da cidade. A programação é bastante diversificada, com dicas culturais, programas sobre culinária e até sobre tarô, além de música variada e predominantemente nacional.

Ideia FM (<http://www.ideiafm.com.br/a-radio/>): Vinculada à Associação Cultural Amigos do Brooklin a emissora atende a uma das regiões mais ricas da cidade, abrangendo os bairros de Brooklin, Campo Belo, Vila Olímpia, Moema, Itaim e Vila Nova Conceição. Sua programação musical é focada principalmente no pop rock nacional e internacional. Além disso, a emissora apresenta programas ligados a diversos temas, especialmente esportes.

Há ainda emissoras que parecem se vincular muito mais a indivíduos ou a projetos de interesse econômico e particular do que a demandas mais propriamente sociais ou comunitárias. Dois exemplos podem ser citados:

Rádio Show FM. A emissora pertencente à Abraqua – Associação Brasileira de Qualificação e Ensino Pró-Rádio (região Sudeste da Cidade). A Associação é ligada à Radioficina, uma escola de formação profissional para radialistas de propriedade de Cyro César Silveira. A intenção é que a emissora seja também uma “oportunidade para colocar seus alunos, futuros radialistas, em situação real de trabalho”¹⁸. Segundo sua página no Facebook¹⁹, a emissora atinge os bairros de Vila

Monumento, Aclimação, Ipiranga, Klabin e Vila Mariana. A emissora não transmite sua programação através da web.

RC Itaquera 87.5 FM (<http://www.rcitaquera.com.br/>). Vinculada à Associação Videomaker do Brasil, a emissora tem uma programação eminentemente musical onde predomina o gênero sertanejo. A Associação realiza atividades sociais difusas na região de Itaquera e, como pode ser verificado em seu site (<http://www.pauloferraz.com.br/associacao.htm>), é presidida por Paulo Ferraz Simões.

As mais importantes emissoras comunitárias da cidade são, sem dúvida, aquelas ligadas a movimentos sociais organizados em grandes favelas. Os dois principais exemplos do grupo de rádios já autorizadas são:

Rádio Nova Paraisópolis (<http://www.novaparaopolisfm.com.br/>): A emissora foi autorizada em agosto de 2010 e está vinculada ao Fórum Multientidades, que “congrega as ONGs do bairro e foi criado em 1994”²⁰. Paraisópolis localiza-se na Zona Sul da cidade e é a segunda maior favela de São Paulo, sendo superada apenas pela favela de Heliópolis. A programação da emissora é predominantemente musical e bastante variada. Além disso, apresenta noticiários locais e abre espaços para recados e apelos de moradores da comunidade²¹.

Rádio Heliópolis (<http://www.heliopolisfm.com.br/>): A Rádio Heliópolis é, sem dúvida, a mais importante e antiga rádio comunitária de São Paulo. Segundo informações contidas no site da emissora, a rádio surgiu em maio de 1992 como “Rádio Popular de Heliópolis”, transmitindo sua programação através de alto-falantes instalados em postes, em dois pontos da comunidade. Ela foi criada pela UNAS, União de Núcleos, Associações e Sociedades dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, uma ONG criada a partir da Associação de Moradores de Heliópolis. Foi apenas em agosto de 1997 que foram iniciadas as transmissões em FM, com equipamentos comprados a partir do apoio de uma ONG alemã. Naquele momento, a emissora operava na frequência de 102,3 MHz (SILVA, 2010, p. 28). A rádio

acabou multada algumas vezes por funcionar sem autorização e, em 2004, teve seus equipamentos confiscados pelas autoridades policiais. Em 2006, a rádio foi novamente fechada pela Anatel (Agencia Nacional de Telecomunicações), mas por um curto período, e em outubro daquele ano foi publicada a sua permissão provisória de funcionamento. A publicação da autorização definitiva ocorreu em março de 2008, tornando-a a primeira rádio comunitária oficial de São Paulo.

Os locutores da emissora são moradores da localidade. Eles se alternam na apresentação de programas de duas horas de duração no período das 6h à meia-noite, de segunda a sábado, e das 6h às 23h durante o domingo, sendo muitos dos programas apresentados por duplas de locutores. Com isso, a rádio chega a ter 12 locutores diferentes durante a semana²².

A música é predominante na programação, que possui desde programas dedicados a gêneros específicos (rap, forró, jovem-guarda, sertanejo, *black music* nacional e internacional etc.) até aqueles que tocam música variada atendendo a pedidos de ouvintes. A religião também está presente na programação da emissora, que em novembro de 2009 passou a retransmitir o programa radiofônico do padre Reginaldo Manzotti²³.

No levantamento que ofereceu em 2010 sobre a programação da emissora, Silva (2010) citava ainda programas como o “Catraca Livre”, que buscava apresentar “dicas de cultura gratuitas ou de baixo custo, além de discutir teatro, cinema e shows com os ouvintes”, e os programas feitos por profissionais do posto médico da região, que esclareciam dúvidas da população e, no caso do programa específico sobre a Aids, chegavam a fazer exames e distribuir preservativos na emissora. Silva também destacava a prestação de serviços e os recados à comunidade dentro da programação, além de apontar que a rádio já teve programas específicos para o debate de temas de interesse da comunidade, mas que eles não estavam mais presentes na grade.

Uma breve análise do cenário

Uma análise da programação e dos sites dessas emissoras nos permite algumas conclusões sobre seu perfil. Uma bastante evidente é a de que a presença da música é predominante na programação de todas elas. Além dessa ser uma

maneira fácil de preencher a grade, a veiculação musical permite o estabelecimento de uma maior identificação entre a emissora e a comunidade a que se dirige. Embora elas sigam, de um modo geral, as tendências predominantes na programação musical das emissoras comerciais da cidade, ainda assim representam um espaço para um consumo musical um pouco mais diferenciado, tanto através de programas dedicados a gêneros específicos quanto pela abertura de espaços para as gravações de artistas locais (especialmente de rap) – presente em ao menos três emissoras: Heliópolis, Paraisópolis e Cantareira FM.

Embora vedada pela legislação, a forte presença religiosa é outra característica marcante das emissoras, já que mesmo algumas das que não possuem ligações mais explícitas com grupos religiosos acabam por transmitir missas e programas de padres e pastores. Isso parece demonstrar, por um lado, que a religião se mantém como uma importante fonte de apoio e de intermediação com a comunidade para as rádios em geral. Por outro, demonstra uma distorção do projeto das rádios comunitárias, que permite que a cena acabe sendo ocupada por grupos de poder religiosos de modo similar ao que ocorre no âmbito das emissoras comerciais. A AME 87.5 FM, por exemplo, é apresentada em redes sociais da internet não como uma emissora comunitária, mas como “uma rádio gospel da Igreja Assembleia de Deus do Bom Retiro, na presidência do Pr. Jabes Alencar, na direção do Pr. Flavio Simões”²⁴.

A citação desses nomes no site também aponta para um outro aspecto já destacado aqui, que é o de que – ao contrário do previsto na legislação – algumas das emissoras apresentadas parecem estar muito mais ligadas a indivíduos do que propriamente a associações. Além dos casos já citados da Rádio Show e da RC Itaquera, é possível constatar em alguns dos projetos de rádios comunitárias religiosas, como o mencionado no parágrafo acima, a presença destacada de um padre ou pastor, e não necessariamente da ação coletiva de uma comunidade religiosa.

Outra questão significativa é a da eficiente presença na internet das emissoras. Como já foi comentado aqui, com exceção da Rádio Show todas as emissoras descritas puderam ser ouvidas através da rede. Além disso, muitas delas apresentavam em seus sites também a grade de programação semanal. Isso

demonstra que, pelo menos por essa via, as emissoras estão conseguindo superar a enorme restrição ao seu funcionamento representada pelo limite de 25 Watts de potência para seus transmissores e de 1 km de raio para o seu alcance.

Outro ponto que merece destaque no cenário analisado é o de sua aparente despolitização, entendida aqui principalmente como a redução dos espaços para debates de questões relevantes e para a participação dos membros da comunidade. Com exceção da Cantareira FM e das rádios de Heliópolis e Nova Paraisópolis, nenhuma das emissoras analisadas manifesta um claro apoio a movimentos sociais, propõe debates de questões locais ou mesmo incentiva uma maior participação de seus ouvintes em suas atividades. Na própria Rádio Heliópolis, que, como vimos, emergiu de um importante processo de luta, uma certa despolitização também parece evidente na grade atual, considerando-se a grande predominância da programação musical.

Sob esse aspecto, embora alguns dos participantes do projeto da Rádio Heliópolis entrevistados por Sérgio Pinheiro da Silva entre 2009 e 2010 tivessem afirmado que, durante a programação musical da emissora, podiam ser discutidos problemas sociais pelos locutores ou realizados debates com a comunidade, outros lamentavam a falta de um maior compromisso dos locutores com as questões sociais, sua tendência a reproduzir os modelos de programação das emissoras comerciais e questionavam até que ponto a rádio cumpria de fato sua função comunitária (SILVA, 2010, pp. 38-43).

Entendo que essa questão da reprodução do modelo de programação das emissoras comerciais por parte das comunitárias merece ser mais bem discutida. O breve olhar oferecido no presente texto sobre as grades de programação de algumas das emissoras comunitárias de São Paulo sugere que, de fato, há uma tendência no sentido da reprodução do modelo tradicional das emissoras comerciais. No caso da programação musical, já discutido aqui, temos uma significativa aproximação não apenas entre os repertórios musicais veiculados. A própria segmentação das emissoras comerciais entre jovem, popular e adulto-qualificado é, em alguma medida, reproduzida no âmbito das comunitárias. No grupo de emissoras não religiosas analisado, poderíamos sem grandes dificuldades incluir a Estúdio 100 na categoria “jovem”, a Ideia FM na “adulto-qualificado” e

praticamente todas as demais na categoria popular. É de se notar, também, a ausência nas grades das emissoras de programas musicais de caráter educativo, que ofereçam informações adicionais sobre as músicas veiculadas ou uma melhor contextualização de seus gêneros e artistas, capaz de oferecer ao público elementos adicionais para a sua compreensão e apreciação.

E essa reprodução dos modelos dominantes nas emissoras comerciais parece se manter no restante da grade. Nesse aspecto, uma questão a ser ressaltada é a da aparente ausência de programas de caráter educativo e/ou de utilidade pública. Embora programas de saúde e de língua portuguesa sejam veiculados, como vimos, pelas rádios Ágape e Heliópolis, respectivamente, esse procedimento está longe de ser predominante entre as emissoras comunitárias aqui analisadas. Essa questão se torna ainda mais inquietante se considerarmos que programas desse tipo podem ser obtidos pelas emissoras sem custo algum, já que diversas ONGs, empresas e associações privadas, além de diversos órgãos públicos, produzem programas e séries sobre saúde, educação e direitos humanos, entre outros temas, para veiculação livre por rádios comunitárias²⁵.

Isso parece sugerir que a ausência desses programas na grade dessas emissoras deve-se muito mais à sua ocupação com programas de interesse da própria rádio (o que pode ser particularmente verdadeiro no caso das emissoras religiosas) ou, o que parece ser mais comum, à adoção do modelo tradicional de transmissão em FM, baseado na veiculação musical com ou sem a presença ao vivo do locutor.

Seja qual for o caso, o fato é que a reprodução do modelo de programação das emissoras comerciais por parte das comunitárias representa um notável desvirtuamento desse que deveria ser um importante modelo alternativo de comunicação para a população da periferia dos grandes centros urbanos. Mais desastroso até do que a presença já citada aqui de interesses religiosos e pessoais no setor. Afinal, trata-se de um modelo que, para assumir a posição de alguns de seus críticos mais proeminentes: privilegia a simples difusão de conteúdos em detrimento da expressão individual e artística (BALSEBRE, 1994); baseia-se numa audição superficial e desatenta, onde a informação é reduzida e a redundância aumentada (SCHAFER, 1997); e, contrariamente ao proposto por Bertold Brecht

ainda na década de 1930, pressupõe muito mais a transmissão unilateral e a recepção acrítica do que a transformação do ouvinte em enunciador (BRECHT, 2006).

E em relação a essa questão da hegemonia dos modelos comerciais de rádio, é preciso também ressaltar o papel pouco efetivo que a academia tem cumprido no sentido da apresentação de modelos alternativos e na pesquisa de formatos, gêneros e linguagem que permitam uma visão mais rica e abrangente das possibilidades comunicativas do veículo. Como tive oportunidade de observar em trabalho recente (VICENTE, 2011), entendo que a tradição acadêmica brasileira, de um modo geral, concentra-se muito mais na discussão do rádio enquanto veículo do que enquanto linguagem, dificultando assim uma compreensão mais clara do potencial expressivo da produção radiofônica (especialmente da ficcional) bem como do caráter eminentemente conservador dos formatos privilegiados no modelo comercial hegemônico.

De qualquer forma, e independentemente das críticas aqui formuladas, é forçoso reconhecer, em vários dos exemplos aqui apresentados, a forte vinculação de rádios comunitárias a projetos sociais sólidos, bem como a um longo processo de luta por reconhecimento e organização, além de seu extraordinário potencial para a integração local, a representação e o fortalecimento dos laços identitários e da autoestima de comunidades carentes da periferia de São Paulo.

Referências bibliográficas

AMAYO, Genny Cemin de. *Rádio Público na Cidade de São Paulo*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

BALSEBRE, Armand. *El Lenguaje Radiofónico*. Madrid, Cátedra, 1994.

BRECHT, B. Teoria do Rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, E. (org). *Teorias do Rádio*. Porto Alegre: Insular-Intercom, 2006.

MACHADO, Arlindo et al. *Rádios Livres: a reforma agraria no ar*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

NUNES FERREIRA, Gisele Sayeg. *Rádios Comunitárias e Poder Local: estudo de caso das emissoras legalizadas da Região Noroeste do Estado de São Paulo*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SCHAFER, Murray R. Rádio Radical. In: *Rádio Nova: constelações da radiofonia contemporânea*, nº2, pp. 27-40. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO/Publique, 1997.

SILVA, Sérgio Pinheiro da. *Rádio Comunitária, os desafios do ambiente educativo da Heliópolis FM*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

VICENTE, Eduardo. Em busca do rádio de autor: apontamentos para uma rediscussão crítica da história do rádio no país. In: *Significação – Revista da Cultura Audiovisual*, n. 36, pp. 87-100. São Paulo: ECA/USP, ago/dez 2011.

¹ Doutor em Comunicação. Professor do Curso Superior do Audiovisual e do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais (PPGMPA) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Email: eduvicente@usp.br.

² O texto da lei pode ser acessado em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9612.htm.

³ A única possibilidade publicitária para as rádios comunitárias é o chamado “apoio cultural”, que permite apenas a menção do nome do anunciante vinculado a um determinado programa.

⁴ <http://www.mc.gov.br/radio-comunitaria/processos-autorizados>. Acessado em 5/2/2012. Vale ressaltar a flagrante desproporcionalidade entre as emissoras autorizadas para o interior e para a cidade de São Paulo, que responde, nos dados apresentados, por apenas 6% das autorizações concedidas para o Estado. Embora o presente texto não se dedique a esse tema, entendo que essa questão deva ser levada em consideração em pesquisas mais aprofundadas sobre as rádios comunitárias do Estado.

⁵ A única exceção, como se verá, foi a Rádio Show FM.

⁶ <http://www.audiofive.com/blog/audiencia-das-emissoras-fm-na-cidade-de-sao-paulo/>. Acessado em 20/1/2012.

⁷ Vale observar que a música pop internacional, em suas diferentes variantes, estará presente em todos os segmentos aqui citados.

⁸ A Rádio USP veicula predominantemente notícias e MPB. Já a Cultura FM concentra-se na veiculação de música erudita.

⁹ http://bastidoresdoradio.com/noticias.htm#Audiencias_das_emissoras_FM_SP. Acessado em 12/2/2012.

¹⁰ Revista *Billboard Brasil*, ed. 29, abr/2012, p. 88. Presença tão maciça da música internacional não se repetia nas outras 13 cidades do Estado e do restante do país abarcadas pela pesquisa.

¹¹ Assim, embora existam milhares de bandas e artistas independentes na cidade de São Paulo, sua possibilidade de acesso às emissoras comerciais da cidade, para a divulgação de seus trabalhos, é praticamente nula, não existindo atualmente nenhuma rádio da cidade que dedique programas específicos à divulgação de artistas novos ou independentes.

¹² A Mit FM teve as suas atividades encerradas em março de 2012. A Oi FM passou a operar exclusivamente pela internet em janeiro do mesmo ano.

¹³ Segundo dados de 2008, do projeto Inter-Meios, o rádio respondeu naquele ano por apenas 4.2% dos gastos publicitários do país, conf. *Mercado publicitário cresce 12,8% em 2008* in http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=4777. Acessado em 08/02/2012.

¹⁴ O autor gostaria de agradecer as indicações oferecidas por Gisele Sayeg Nunes Ferreira para a constituição deste cenário.

¹⁵ As 34 associações que obtiveram concessões foram: Comunidade Spicilegium Dei de Amparo Social e Cristão, Associação Cultural Star, União Social do Jardim Santana e Adjacências, Associação Casa da Cidade, Associação Cultural Comunitaria Libertação, Associação Cultural Comunitária LBR, Associação Cultural Rádio Comunitária Tiradentes-FM, Associação Cultural Comunitária Inteira Ação, Associação de Difusão dos Amigos de Vila Alpina, Associação Cidadã, Associação Cultural de Radiodifusão de Vila Dalila, Associação Cultural Comunitária Asa Dourada, Assoc. e Movimento Comunitário Beneficente Educ. Cultural Saúde FM, União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis, Associação Cultural Comunitária do Imirim, Associação Cultural Comunitária da Paz, Sociedade Cultural Cívica Brasileira, Associação Comunitária de Comunicação e Cultura do Tucuruvi, Ass. Mensagem de Esperança, Associação Cultural Amigos do Brooklin, Associação Cultural

Comunitária Princesa Isabel, Associação Cultural Comunitária Everest, Associação Cultural Comunitária Zona Sul, Associação Cultural Rádio Livre Comunitária Studio 100 FM, Associação Cantareira, Associação Cultural Comunitária Ternura de Perus, Associação de Comunicação Alvorada do Bairro Pedreira, Unas – União dos Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, Associação Videomaker do Brasil, Associação Rádio Comunitária Caminho Para a Vida, Assoc. Cultural Comunit. Pró Desenv. Infantil de Parelheiros, Abraqua – Ass. Bras. de Qualif. e Ensino Pró-Rádio, Organização dos Moradores de Pirituba e Associação Cultural Comunitária Milênio.

¹⁶ <http://www.saopaulodefato.com.br/inauguracao-da-radio-agapefm-87-5-do-imirim/>. Acessado em 11/1/2012.

¹⁷ http://www.studio100.com.br/home/index.php?pg=a_radio&id=2. Acessado em 2/1/2012.

¹⁸ www.jornaldocambuci.com.br/edicoes/ED_1223.pdf. Acessado em 8/2/2012.

¹⁹ <http://www.facebook.com/pages/RadioShow875/287251131299152?sk=info>. Acessado em 23/4/2012. A emissora não possui site.

²⁰ <http://paraisopolis.org/>, acessado em 2/2/2012.

²¹ Em emissoras mais ligadas a favelas, como as de Nova Paraisópolis e de Heliópolis, que será apresentada a seguir, a transmissão de recados dirigidos a moradores é uma constante, bem como pedidos em favor de membros mais carentes da comunidade (por remédios, roupas, equipamentos médicos etc).

²² <http://www.heliopolisfm.com.br/> acessado em 2/2/2012.

²³ <http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/index.php/noticias/radios/radios-irmas-novembro>. Acessado em 4/2/2012.

²⁴ <http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=93361472&hl=pt-BR>. Acessado em 8/2/2012.

²⁵ Entre inúmeros exemplos podemos citar as produções da Oboré, empresa de São Paulo que atua na área de comunicação popular e oferece significativo leque de programas (especialmente na área de saúde) em http://www.obore.com.br/cms-conteudo/59_programas_spots_jingles_apresentacao.asp; os programas produzidos para o Prêmio Roquette Pinto, criado pela Associação das Rádios Públicas do Brasil (Arpub) em 2010, disponíveis em http://www.arpub.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=271&Itemid=259; e os programas e spots da Rádio INCA, criada pelo Instituto Nacional do Câncer (ligado ao Ministério da Saúde) e disponibilizados em http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=1282.